

Carne quebrada, osso rendido, nervo ofendido – encontro de saberes para curar maus encontros

Fernanda C. de Oliveira e Silva¹⁴⁴

Essa comunicação vai apresentar algumas idéias bastante iniciais, que falam da relação entre “colonização”, “encontros de saberes”, “cura” e “contra colonização” na universidade.

Estou pensando, aqui, “colonização” e “contra-colonização” com Antônio Bispo dos Santos (mais conhecido como Nêgo Bispo), lavrador, poeta, intelectual e ativista quilombola, de Saco/Curtume (PI)¹⁴⁵ :

“Vamos compreender por colonização todos os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até de substituição de uma cultura pela outra, independentemente do território físico geográfico em que essa cultura se encontra. E vamos compreender por contra colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios” (Santos, 2015. 47-48).

Nesse sentido, associo à colonização a idéia do “mau encontro” na filosofia de Espinoza, parafraseada aqui como aquele que modifica as pessoas diminuindo sua potência de agir e de pensar, gerando o afeto de tristeza, que diminui o desejo de viver. Por sua vez, essa idéia de „mau encontro” tem coerência com algumas concepções sobre adoecimento presentes em contextos afro-brasileiros. Trago para nossa reflexão uma noção aprendida no Quilombo Mato do Tição (MG), segundo a qual adoecer tem a ver com um desequilíbrio causado, dentre outras coisas, pelo “aquebrantamento” da pessoa. A condição do

144 Mestre em antropologia social e doutoranda em educação, na UFMG (2016-2019).

145 Bispo dos Santos, Antônio. „Colonização, Quilombos – modos e significações”, INCTI/UNB, 2015.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

aquebrantamento sugere um atravessamento (ou, no limite, a captura) por “más vibrações”. Um dos agentes do “quebrante” (que é o nome como chamam esse mal) é o “mau-olhado”, que pode ser emitido por pessoas encarnadas, por desencarnados e também por alguns animais, e que pode produzir, indiretamente, uma cadeia de aquebrantamentos, incluindo a “carne quebrada”, o “osso rendido” e o “nervo ofendido”. Uma das formas de curar esses males é pela benzeção, que se faz com diversos movimentos e orações, adequados, caso a caso, capazes de “afastar os males” e produzir a cura com auspiciosas afirmações e convocatórias (Silva, 2013. Gomes & Pereira, 1989).

Relaciono essas coisas ao encontro de saberes na universidade,¹⁴⁶ considerando diferentes cursos da formação transversal em saberes tradicionais na UFMG, onde existe um programa dedicado a essa formação, vinculado à pró-reitoria de graduação. Esse programa teve início em 2015, resultado da experiência do ano anterior, quando aconteceu o “Encontro de Saberes na UFMG – artes e ofícios dos saberes tradicionais”¹⁴⁷. Tenho participado mais detidamente das experiências de formação transversal conduzidas por mestras e mestres de comunidades quilombolas e de comunidades de terreiros, desde 2014, como colaboradora nas tarefas de produção, proposição e planejamento de alguns cursos, no acolhimento de mestras e mestres e, mais recentemente, como pesquisadora.

Dentre os diversos conhecimentos atribuídos à sabedoria das comunidades quilombolas e de terreiros, é notável que cuidados e curas¹⁴⁸ estejam sempre presentes – por meio dos remédios com folhas, cascas e raízes que sabem cultivar, preparar e

146 Conforme exposto no texto de proposição desse seminário, “experiências de ‘encontro de saberes’ em contextos acadêmicos incluem ao menos três tipos de experiência: 1) aquelas em que os professores são ‘mestres do conhecimento tradicional’; 2) aquelas em que os(as) estudantes tiveram acesso à universidade por meio de políticas de ação afirmativa ou vestibular diferenciado; 3) aquelas em que os(as) estudantes estão matriculados(as) em cursos de natureza intercultural - licenciaturas (ou bacharelados) indígenas e quilombolas, entre outros.” O encontro de saberes a que me refiro aqui é este da primeira alternativa.

147 Com o apoio do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Inclusão (NCTI) e da UNB, e com colaboração do Professor José Jorge de Carvalho e sua equipe.

148 Esse é, inclusive, o tema e o título de uma das disciplinas perenes da formação transversal em saberes tradicionais na UFMG: ‘Curas e cuidados’ que recebeu em suas edições, mestras indígenas e quilombolas.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

aplicar¹⁴⁹; pelo cultivo farto e persistente de alimentos livres de toxidades¹⁵⁰; por meio de cantos, danças e rituais propiciadores de axé¹⁵¹, que as mestras e os mestres insistem em executar, dentro e fora de suas comunidades. É notável também que, na convivência, mais ou menos recente, de cada mestra e mestre com a universidade, uma mesma apreensão seja, tantas vezes, anunciada: “*A academia precisa ser curada!*”; “*A universidade precisa de atendimento.*”; “*Parece que vocês estão dormindo um sono... assim... muito demorado*¹⁵²”.

Nossa reflexão articula diferentes pessoas e contextos envolvidos nesses encontros de saberes na universidade, costurando trechos de textos e falas, compartilhados nas aulas, que apontam para a ideia de que a universidade é uma instituição colonizadora, que produz quebras de vínculos entre as pessoas e as “sabedorias de seus ancestrais” e de suas comunidades (especialmente quando essas comunidades são “periféricas” ou “rurais”). Sugerem que o ingresso na escola desvincula as pessoas de suas referências mais próximas de saber, um “saber das pessoas”, um saber familiar que até então as acompanhava na vida. Esse rompimento gera bloqueios e desmotivações que acabam adoecendo as pessoas e suas comunidades, com o efeito de uma “perda de sentidos”.

149 Fazemos referência aqui à Sebastiana de Oxóssi (Mestra Tiana), do Quilombo Carrapatos da Tabatinga (MG); à Silvio de Siqueira (Mestre Badu), mestre agricultor, candombeiro e liderança do Quilombo Mato do Tição (RMBH); à Mameto Muaindê (Mãe Efigênia), do Terreiro de nação angola e Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango (BH); à Ricardo de Moura (Pai Ricardo), da Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente (BH); à Pedrina Lourdes dos Santos (Mestra Pedrina), mestra na umbanda e no kardecismo, e capitã da Guarda de Massambique de Nossa Senhora das Mercês do Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Oliveira (MG); à Maria Luiza Marcelino, zeladora de umbanda e liderança da Comunidade Quilombola Namastê (MG), Luceli Morais Pio, mestra terapeuta raizeira e da saúde alimentar do Quilombo do Cedro (GO).

150 Em referência à Mestre Badu, Maria Luiza Marcelino, Luceli Morais Pio.

151 Em referência à Mestra Tiana, ao Pai Ricardo, à Mameto Muaindê, à Capitã Pedrina, à Iya Ianifa Ifadara, e ao Mestre Arnaldo de Lima (Naldinho) da Comunidade Quilombola Custaneira (PI).

152 Trechos de falas, registradas em gravador digital ou manuscritos, de Nêgo Bispo, Pedrina Lourdes dos Santos e Mestre Badu, respectivamente.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

“Depois que entrei para a universidade, comecei a ter vergonha de falar [...] tudo em mim parecia vir de uma pessoa ignorante.” (Ricardo, estudante no curso “Catat Folhas: saberes e fazeres do axé”, 2016)

“A gente chega na universidade e é como se os professores nos dissessem: - esquece tudo o que você sabe... porque você não sabe de nada... vai sair da ignorância para entrar no mundo do conhecimento” (Marcelo, estudante no curso “Catat Folhas: saberes e fazeres do axé”, 2016)

“ A gente chega aqui e não consegue falar... não se sente capaz de dizer sobre nada... Porque parece que a gente chega vazio... sem saber nada...” (Mônica, estudante no curso „Catat Folhas: saberes e fazeres do axé“, 2016)

O ingresso na universidade, muitas vezes e para muitas pessoas, realiza um “mau encontro” – daqueles que diminuem nossa potência de agir e de pensar e, desorienta nossa vontade de viver uma experiência.

“Por um lado, minha percepção foi muito decepcionante! [...] Fico até sem jeito...Tenho um filho de 19 anos doido para entrar na universidade...e quando eu chego aqui, o que é que eu vejo: que essa escola tira tudo de vocês. Deixa as pessoas no chão...sem rumo, sem orientação... Fico preocupado... [...] Eu vejo nos olhos desses alunos, um pedido de socorro. Para quê tudo isso então?” (Ricardo de Moura, 2016¹⁵³)

“Estou tentando concluir minha graduação em ciências biológicas... e me sinto sufocada. [...] Não percebo sentido nas coisas... [...] Eu vim aqui porque uma amiga cursou uma dessas disciplinas no semestre passado e me indicou: -Vai lá para você

153 Trecho de uma conversa com Pai Ricardo, sobre sua experiência de „dar aulas' na universidade.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

voltar a ter alguma vontade de ir para a faculdade.” (Estudante na abertura do Curas e Cuidados, março, 2017).

“Estou no último período de ciências socioambientais. [...] A universidade definitivamente não me faz bem [...]” (Francis, estudante no Curas e Cuidados, março 2017)

O “mau encontro” na universidade pelo seu funcionamento colonizador, tem relação com o que Nêgo Bispo comentou¹⁵⁴ como sendo uma “desterritorialização” das pessoas e de seus saberes ofendidos pela “cosmovisão científica ocidental”. Pensando com Bispo, desterritorialização com o sentido de um processo violento de captura de “subjetividades” e “pertencimentos”, e como hierarquização e imposição da substituição dos saberes das pessoas (seus saberes familiares) por aqueles alegados “verdadeiros saberes” da universidade¹⁵⁵. Conforme foi destacado em suas aulas, o dispositivo de funcionamento das instituições de Estado, dentre elas, as universidades, é “sintético”, “vertical”, “linear”, “monista”, “etnocêntrico”. E foi de uma forma aterrorizadora e exterminadora da diferença que, historicamente, as universidades se constituíram como produtoras exclusivas do conhecimento. Suas práticas e discursos desqualificam o pensamento das pessoas comuns na medida em que baseiam a legitimidade do saber científico em acesso à “realidade” suposto como exclusivo. Essa reflexão esteve presente em diferentes momentos, durante muitos encontros da formação transversal.

“No âmbito pessoal, posso dizer que as aulas me trouxeram de volta pra um campo que havia negado após o ingresso na universidade. Venho de uma família pobre, do interior, cuja religiosidade sempre foi parte integrante da vida, cresci sendo benzida por parentes ou pelas benzedadeiras mais tradicionais da cidade, e também cresci ao som dos tambores do reinado do rosário. Porém, após entrar na universidade, num

154 Durante o curso, *Confluências Quilombolas contra a colonização*, 2017.

155 Aqui, no sentido empregado por Antônio Bispo dos Santos, de “perda de territórios, físico e existenciais”, e não no sentido da potência criativa propiciada pelo deslocamento- desterritorialização de quem está, assentado num lugar de logós, forçando que reterritorializações possam acontecer.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

curso de humanas, onde a religiosidade é constantemente negada, a não ser quando é para ser folclorizada [...]. Comecei também a negá-la, até porque, quando descobri minha sexualidade percebi que no cristianismo não haveria espaço para mim.” (Nicole, estudante no Catar Folhas: saberes e fazeres do axé, 2016)

Mas as falas de muitas pessoas também sugerem que, desde as ações afirmativas (que viabilizaram o ingresso de „gente da periferia” na universidade), até a experiência recente de formação transversal em saberes tradicionais (quando mestres e mestras de outros mundos” comparecem na escola no lugar de professora(e)s), movimentos diferentes começaram a acontecer, produzindo outros encontros, com muitos lados. Existe o reconhecimento de que há necessidade de cura, e de que, mais recentemente, tem acontecido uma aproximação mais respeitosa com pessoas historicamente excluídas da escola” que, dentre outras coisas importantes, sabem curar. Outros fluxos vão se tornando mais fortes, propiciando „bons encontros” - esses que, pelo reconhecimento de „tantas coisas que nos dizem respeito”, que nos convém porque „compõem com nossa pessoa”, tem a capacidade de recompor vínculos e fazer re-encontrar tipos de gente” que antes não estavam aqui”

“Com muito prazer a gente está aqui nessa universidade porque traz muita alegria para a gente, esse encontro, essa convivência... . Eu acho que para mim até aumentou... Se eu não tivesse vindo até aqui, as vezes eu tinha até morrido já faz tempo, né? Mas esses encontro maravilhoso com outros mestres, com os alunos, com as diretorias... Então isso engrandece a gente muito e aumenta muito os dias de vida para a gente. Isso é muito importante. [...] Porque as pessoas da roça não tem tempo de sair para ficar dialogando com outras pessoas... E a gente, no ganhar esses espaço para a gente passar um pouco do que a gente sabe é muito importante, principalmente para mim.” (Mestre Badu, 14 -03- 2017, na abertura do semestre de formação transversal em saberes tradicionais)



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

“Durante essas aulas então, que começaram com a Pedrina falando sobre o congado e as práticas das irmandades do rosário, me fizeram recuperar, desde aí, minhas raízes, e valorizar o que já havia aprendido com minha avó.” (Nicole)

Por esse¹⁵⁶ lado, fica a mostra, um efeito vital da criação de “confluências”, da recomposição de vínculos fraturados e de um aumento da vontade de viver produzido pelo “encontro de saberes”. “Confluência” é um conceito elaborado por Nêgo Bispo, para definir o modo específico de relação com a diferença, vivido nas “comunidades da contra colonização” no Brasil (essas que chamamos de “tradicionais”). Esse modo de relação é “plurista”¹⁵⁷, inclusivo, acolhedor (como uma roda de capoeira, se comparada a um jogo de futebol), resolutivo e feiticeiro. Sobre as ações “resolutivas” e “feiticeiras” do “povo contra colonizador”, Nêgo Bispo chama a atenção para o pragmatismo dos saberes contra colonizadores em contraposição ao pensamento especulativo e cumulativo dos colonizadores. Existe um imperativo para a co-realização na produção da vida em comunidades. Em cooperação são mobilizados todos os recursos disponíveis, sem moralismo e contradição: “O que a gente não consegue pelo milagre, consegue pelo feitiço!”¹⁵⁸

Pelo lado da confluência “nem tudo o que se ajunta se mistura”, sendo esse ajuntamento não sintetizador um modo “orgânico” de interação entre as heterogeneidades que compõem o mundo. “Orgânico” é o modo de ser e de fazer que funciona gerando mais vida, o que, na perspectiva contra colonizadora, contrasta com o modo “sintético” de s e

156 Não descreverei, nesse momento, os equívocos e controvérsias que também constituem os encontros.

157 Antônio Bispo dos Santos associa as qualidades de plurista', politeísta', circular', policultora', atribuídas às formas de existência orgânicas' (aquela que funcionam gerando mais vida, em biointeração com a natureza', contrapostas às formas sintéticas'), apontando para uma ontologia da multiplicidade que funciona nas comunidades de matrizes africanas e indígenas, no Brasil.

158 Trecho da exposição de Nêgo Bispo no encontro Quarta na Pós, na FAE/UFMG, em 12 de abril de 2017. Nesse momento, comentando as „ações afirmativas’ nas universidades brasileiras, Bispo completou: “A ações afirmativas na universidade foram um milagre, o Encontro de Saberes é o feitiço!”.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

relacionar no mundo. Esse, um modo específico da cosmologia euro-cristã e capitalista que é “exterminador”, “monista”, “linear”, “aterrorizador”, “cosmofóbico” (Santos, 2015).

A recomposição de vínculos e o aumento da vontade de viver fazem curar.

“As rodas feitas na estação ecológica, os alimentos compartilhados, o toque e a relação com o catar folhas significou para mim um momento de cura, de leveza, como também uma conexão com a ancestralidade, com o sutil, com o que tantas vezes passa por despercebido no dia a dia” (Marina, estudante no Catar Folhas: saberes e fazeres do axé, 2016).

“Reconheço que o que eles sabem tem a ver com coisas que minha mãe sempre dizia... minha avó dizia... e eu tinha vergonha... porque achava que era coisa de gente ignorante... superstição. [...] E eu vejo essas mulheres e reconheço minha mãe, minha tia, minha avó... me reconheço negra” (Carol, estudante no Catar Folhas: saberes e fazeres do axé, 2016).

“Foi uma experiência que trouxe muito respeito, além de promover um sentimento de reencontro com a ancestralidade negra presente em mim. [...] Com respeito adentro o terreno desconhecido, sentada escuto memórias, cantigas de um povo que também é meu povo. Histórias que foram negadas e nos afastam das raízes, por tramas da vida de uma sociedade que por vezes tentou acabar com o ovo negro. Como um bebe que aprende as dinâmicas que o envolvem iniciou-se para mim um caminho de auto-reflexão e coleta de folhas [...] Sou porque somos e por sermos, sou” [ensinamento ioruba apresentado por Iya Ifadará]: frase que exprime um sentimento de pertença e coletividade com força para salvar o mundo.[...] mais folhas pelo caminho e fomos caminhando para a umbanda, aprendendo a entrar e sair com respeito e entendendo que tudo tem um dono.” (Grazielle, estudante do Catar Folhas: saberes e fazeres do povo de axé, 2016)

“A leveza com que eu saía da sala de aula, as duas aulas semanais eram suficientes para me garantir equilíbrio e paz interior para os restante da



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

semana”. (Yara, estudante no “Catat Folhas: saberes e fazeres do povo de axé”, 2016)

Com um pano branco, agulha e linha, virgens, Mestra Pedrina nos ensinou a curar, durante uma das aulas do curso “Catat Folhas: saberes e fazeres do axé”. “Coser de jeito” é uma benzeção que serve para juntar a “carne quebrada”, um „osso rendido” e restabeler um “nervo ofendido”. “Esses males acometem as pessoas e elas não sabem que elas mesmo podem curar”, nos disse Pedrina, costurando, concentrada, nos mostrando como fazer:

“Diz o nome da pessoa benzida, seguido da pergunta: -O que eu coso? E a pessoa benzida responde: -Carne quebrada, osso rendido e nervo ofendido.” (Pedrina, no curso “Catat Folhas: saberes e fazeres do axé”, 2016)

Para nós, descobrir essa capacidade para agir, resolutivamente, em nosso favor, produzia o que Pai Ricardo chama de um “empoderamento”, e recoloca ensino e aprendizagem em outros termos, incluindo o “agir” e o sentir”, via de regra desconsiderados na universidade:

“Vocês mesmo vão descobrir que vocês sabem fazer. Porque é uma bagagem ancestral e apenas está esquecida, dentro de vocês. [...] Quero ver vocês terminarem esse curso empoderados! ” (Ricardo de Moura, no curso “Catat Folhas: saberes e fazeres do axé”, 2016)

“Mestra Pedrina passou banhos e rezas excepcionais e pude perceber muitas práticas realizadas por meus avós e até por meus pais e que nem eu nem eles sabíamos a origem, como o banho de manjeriçã, de picã, a benzeção. Banhos esses que passei a adotar para a vida, comecei a sentir um prazer enorme em macerar ervas e cantar cantiga, colocar meus pensamentos positivos. [...] Na primeira aula de Mãe Efigênia [Mameto Muiandê] e da Makota Kidoiale chorei, choramos eu e mais da metade da sala. Uma aula carregada de emoções, vivências das mulheres lutadoras, “Negras, macumbeiras e mães solteiras”, nas



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

palavras de Kidoiale. [...] Apesar de menos estruturadas, menos teóricas, as aulas de Mãe Efigênia e Cássia [Makota Kidoiale] foram sempre muito tocantes, uma vivência tão rica, me promoveram uma mudança de perspectiva, uma nova análise sobre minha própria vida [...]. As guias de Oxalá, dadas pelo Pai, fazem parte do meu corpo agora, não saio de casa sem ela, de preferência a mostra, escancarando minha espiritualidade, pronto a defender a religião de olhares e comentários maldosos. [...] As aulas de Pai Ricardo foram vivência pura [vivenciamos tradições de sua casa: dança, cânticos, oferendas, rituais, hierarquia, a benção, a preocupação com o lugar onde estamos, as energias que nos rodeiam, a licença que devemos pedir para usufruir daquilo que é da natureza e suas forças], me sentia em uma festa, o som dos atabaques me transmitiam uma energia gigante, me iluminavam, eu me aproximei tanto que baixei 100 músicas, que agora emanam pelo meu carro, para minha exaltação e para o espanto dos que andam comigo.[...] Enfim, esse trabalho é basicamente ser agradecer [...] um novo Talles surgiu depois de Saberes.” (Talles, estudante no “Catat Folhas: saberes e fazeres do povo de axé”, 2016)

Sílvio de Siqueira, Mestre Badu, o primeiro quilombola a participar do encontro de saberes na UFMG, em 2014, concluiu no ano 2013, aos 79 anos de idade, um curso oferecido pela Universidade Federal de Viçosa (departamento de Fitotécnica), que envolvia o aprendizado sistematizado da agricultura familiar focalizando „terapias alternativas” como recursos par a prevenção, tratamento e controle de pragas e doenças - a compostagem, os biofertilizandos, a homeopatia com micro-organismos eficientes (E.M), e diagnose por radiestesia; entre outros conteúdos pouco comuns, se comparados àqueles difundidos pelas ciências agrárias e veterinária industriais.

Dentre os seus cinco irmãos ainda vivos, Badu, é o Velho Siqueira que mais se dedica à agricultura familiar. Transformou uma pequena área em uma imensa chácara (porque extraordinariamente produtiva) com roças, pomares, hortas e

¹⁵⁹
criação de pequenos animais . Considera que essa dedicação, desde que se aposentou, é um trabalho feito por gosto, muito mais do que pela necessidade. Diz que planta porque adora plantar: se alegra em ver seu cultivo crescer, em ver a família (que, depois de seus quase 60 anos de casado, conta com dezessete filhos e mais de quarenta netos!, além dos irmãos Siqueiras e seus respectivos descendentes) se nutrir com verduras, legumes, frutas e carne livres dos venenos agrotóxicos.

A vida é onda, vibração, ciência e fé. A declaração foi um dos ensinamentos misteriosos que esse mestre trouxe para a escola e que anunciou, pela primeira vez, quando contava da sua confirmação de que o que aprendeu na universidade, no curso de agroecologia com „terapias alternativas“ foi „uma *qualidade do mundo*‘ que ele já conhecia. Porque desde cedo lhe fora ensinada pelos seus antepassados, dotados de saberes de curas e de alimentação com folhas e raízes *do mato*.

“Eu já sabia disso porque meus parentes todos já faziam... Só que de um jeito diferente. Eles eram da parte dos índios, eram assim de uma parte mais selvagem, mas que conhecia isso tudo, de um outro jeito. Agora com a radiestesia e a homeopatia da agricultura familiar, no curso que eu fiz pela universidade, isso ficou ainda mais certo.”

O encontro de saberes pode ser uma confluência. O mundo vibra. E para a vida funcionar é preciso ter ciência e fé. A universidade “está se abrindo e isso tem uma finalidade muito maior, que nem conseguimos ainda imaginar”. Nada acontecendo por acaso, como nos alertou Maria Luiza Marcelino (mestra no curso Confluências Quilombolas contra a colonização, 2017). Até porque, coincidências não existem, como

159 Abacaxi, abóbora, pimenta, quiabo, jiló, banana prata, caturra, maçã, manga, cana, mandioca, tomate, urucum, laranja, limão, couve, almeirão, alface, salsa, cebolinha, milho, abacates (de dois quilos!), melancia, eram alguns dos cultivares extraordinariamente saudáveis que havia no sítio de Badu, durante a pesquisa. Além de galinhas, porcos, cachorros, cavalo, todos igualmente tratados por Badu, por meio dos novos recursos aprendidos.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia
Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

nos lembra Nêgo Bispo. E um bom encontro é um acontecimento sem medida.

“Quem me escolheu foi Katendê.

Revisitei meu coração de benzedeira, rezadeira, raizeira que é o mundo onde nasci. Quando Pedrina, em sua aula de remédios, levava as plantas pro alto e então dizia assim:

fatias de beterraba, gengibre, espinheira santa, salsa, cinza no umbigo, mamona, guiné, laranja, arruda, barbatimão, alecrim, saião, poejo, urucum, santa Maria, pitanga, guaco carquejo [...] quem me escolheu foi Katendê.

[...]

E foi ouvindo Pai Ricardo que entendi o sentido de para mim possuir religião com muito orgulho eu digo, e é verdade, que na universidade, tocamos uma sessão: Exu, Ossain, Oxossi, Xangô, Obaluaê, Oxalá, Ibeji, Nanã e Oxumaré, Ogum, Omolu, Irokô, Oxaguian, Iemanjá, salve a fé do povo negro, salve todos os orixás!” (Marina, estudante no Catar Folhas: saberes e fazeres do axé, 2016)

Referências Bibliográficas:

Gomes, Núbia Pereira de Magalhães. & Pereira, Edmilson de Almeida. Assim Se Benze Em Minas Gerais: Um Estudo Sobre a Cura Através da Palavra”. Ed. Mazza. 1989.

Santos, Antônio Bispo dos., “Colonização, Quilombos – modos e significações”, INCTI/UNB, 2015.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia
Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Silva, Fernanda Cristina de Oliveira e Silva. „Quando Reza a Fé no Quilombo Matição: famílias, festas, males e curas fazem comunidade”. Dissertação de Mestrado. Departamento de Antropologia Social. UFMG. 2013.